



INTELECTUAIS DE SAIAS? O QUESTIONAMENTO DO LUGAR HISTÓRICO DAS MULHERES NO RECIFE NOS ANOS DE 1955 A 1964.

Juliana Rodrigues de Lima Lucena¹

A Gaiola

E era a gaiola e era a vida era a gaiola
e era o muro a cerca e o preconceito
e era o filho a família e a aliança
e era a grade a fila e era o conceito
e era o relógio o horário o apontamento
era o estatuto a lei e o mandamento
e tabuleta dizendo é proibido.
E era a vida era o mundo e era a gaiola
e era a casa o nome a vestimenta
e era o imposto o aluguel a ferramenta
e era o orgulho e o coração fechado
e o sentimento trancado a cadeado.
E era o amor e o desamor e o medo de magoar
e eram os laços e o sinal de não passar.
E era a vida era a vida o mundo e a gaiola
e era a vida e a vida era a gaiola.

Maria do Carmo B.C de Mello

A extraordinária poesia “A Gaiola” de Maria do Carmo Barreto Campello de Melo (1924 a 2008), que foi delirantemente recitada por Geninha da Rosa Borges em sua entrevista cedida a nós, pode muito bem ilustrar os anseios, os lugares e os conflitos femininos compartilhados e vividos por mulheres do Recife em meados do século XX e que refletem sua delicada condição. Esta que, por vezes, deveria ser constantemente regulada (engaiolada) devido à sua condição natural: “(...) e era o orgulho e o coração fechado, e o sentimento trancado a cadeado”. Podemos compreender que essa “prisão”, ilustrada no poema, publicado pela primeira vez em 1968, pode representar o universo do privado para as mulheres, as grades podem ser objetivamente os muros de seus lares como também, subjetivamente, os limites dos espaços a elas recomendados.

A História de Gênero, ao pensar e questionar o poder, ao expor conexões entre privado e público, ao examinar os sujeitos e suas inserções e práticas nas relações de poder, foi de grande importância para outras áreas do conhecimento. Contudo, faz-se necessário perceber uma nova forma de construção histórica, mais livre e independente de dominações acadêmicas e culturais, onde a identificação dos sujeitos não segue regras pré-estabelecidas ou determinismos culturais e/ou naturais.

¹ Mestre em História Social da Cultura Regional – UFRPE. Professora e Coordenadora de Pesquisa e Extensão – FAL e membro do Grupo de Estudos em História Social da Cultura (GEHISC - UFRPE) – juleslucena@yahoo.com.br



Dessa maneira, a transição de abordagens e posturas das intelectuais feministas mais atuais vem abrir novas possibilidades de visibilidades de sujeitos que ultrapassam os limites deterministas de apenas dois sexos. E dentro dessa perspectiva de pluralidades é que se percebe a complexidade das relações de gêneros e suas mais atuais nuances. Sendo assim, é mais uma vez destacada a importância dos estudos da História de Gênero dentro da análise cultural, pois ela combina as relações sócio/culturais entre os sexos com outros campos explicativos a fim de buscar uma compreensão mais completa, e que é ricamente alimentada pela experiência subjetiva.

Esse tipo de História necessita de fatos sobre as mulheres enquanto mulheres e sobre os homens enquanto homens, não mais isolados, fixos em seus lugares históricos, mas se relacionando, se influenciando e produzindo a “História dos Gêneros” à medida que considera que as categorias sócio/culturais são fruto de seu tempo.

Dentro dessa perspectiva os estudos sobre o corpo passaram a representar um importante “instrumento” de análise da relação entre natureza e cultura. Mais especificamente, o corpo feminino tem se tornado o meio para a ratificação de discursos dominantes; e o “artifício” que melhor demonstra essa utilização é a reprodução, onde o principal papel feminino é a maternidade, através da qual a mulher vem secularmente sentindo o enorme peso do destino.

Às mulheres tem-se tentado, há quatro ou cinco séculos, no Ocidente, atribuir um modelo, uma forma singular centrada em seu corpo, em sua capacidade reprodutora. Louvada enquanto apanágio das mulheres, a capacidade de procriação tem, por outro lado, o peso de um destino, de uma fatalidade². (SWAN, 2007: 203)

“E era o filho, a família e a aliança...”, novamente a gaiola, uma prisão? Aliada a vocação natural e sócio-biológica da maternidade existia a vocação feminina para o magistério. Função na qual elas poderiam continuar contribuindo para a educação e erudição dos futuros cidadãos. Seria a “eterna professorinha”, tão vividamente representada por Celina, personagem central da obra “O Visitante” de Osman Lins, que tinha a solidão por companhia e que se sentia útil em seu papel de educadora. Lamentava-se pela ausência de seus próprios filhos, suprindo-a com a atenção dada e recebida para com seus pequenos alunos:

À luz da lâmpada, perfilavam-se ante ela as carteiras desertas. Negras, feias, com desenhos a canivete. Inumanas; e tão vivas. [...] Não emitia conceitos; limitou-se a reverenciar uma entidade impalpável, que ela sentia impor-se com tranqüilo vigor, como a existência de um deus. Em seguida, subiu ao estrado, sentou-se e, apanhando a régua, bateu sobre a mesa. O rumor destruiu o encanto; a presença esvaiu-se. Ela se sentiu desamparada e desejou ardentemente a aurora, que traria de volta, os passos na calçada, os cumprimentos matinais e todo o alvoroço que alegrava as manhãs³. (LINS, 1955: 16-17)

² SWAIN, Tânia. Meu Corpo é um Útero? Reflexões sobre a procriação e a maternidade. STEVENS, Cristina. org. **Maternidade e Feminismo**. Diálogos interdisciplinares. Florianópolis: Ed. Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2007. P. 201 – 246. P. 203.

³ LINS, Osman. **O visitante**. Rio de Janeiro, José Olympio Editora, 1955.



Celina, professora, religiosa, com seus quarenta e pesados anos e que vivia em um Recife da década de 1950, servia de exemplo do que poderia ser pensado como o “fracasso da mulher”. Solteira e sem filhos, mas que entrou em contato (e conflito) com o sexo oposto, ao passar a receber em sua casa o cansado e desesperançoso professor Artur. Sua rotina passa a ser perturbada e novamente vem o peso da sociedade ditando regras.

Aqui também cabe uma analogia entre a ficção e a realidade, pois duas de nossas protagonistas, escolhidas para ilustrarem o nosso trabalho, exerceram, mais acentuadamente a função de professoras, e a que melhor define e exemplifica esse papel é a professora Bernadette Pedrosa, que traçou sua trajetória profissional voltada para as salas de aula e para a formação do conhecimento. Primeiro na escola Normal, para posteriormente chegar a lecionar no símbolo da sociabilização da intelectualidade masculina, a Faculdade de Direito do Recife.

Questionada sobre uma possível ausência/falta da maternidade ela nos relatou um fato muito simbólico em sua vida, quando fora convidada para dar aulas em um tipo de curso para seleção de vestibular. Após o excelente resultado dos seus alunos, um de seus colegas lhe perguntou como ela estava se sentindo e ela, em sua postura comedida lhe respondeu: “como se sente uma mãe que acabou de dar a luz a 66 filhos!”.⁴

Percebemos aqui, mais uma vez ratificadas, de forma consciente ou não, a importância dada a vocação de mãe das mulheres; quando a maternidade não era possível, essa deveria ser canalizada para o magistério. Tais palavras da Professora Bernadete nos trouxeram mais inquietações, pois em nossas “conversas/entrevistas” as falas de nossas entrevistadas acerca da maternidade demonstravam que talvez houvesse uma ausência dessa consciência procurada por nós. Além de também nos indicar uma possível representação intensamente acerca das atuações femininas construída no imaginário das próprias mulheres.

Outra de nossas entrevistadas/protagonistas, a também Professora Maud Perruci⁵, nos mencionou que a maternidade não era algo problematizado nos idos das décadas de 1950 e 1960. O que nos leva a analisar que a problematização estava numa possível ausência daquela. Mais uma vez destacando a “falência” social da mulher que não gerava filhos e não cumpria com o seu papel.

A artista Tereza Costa Rêgo⁶ também nos relatou que a sociedade das décadas de 1950 e 1960 só aceitava com bons olhos a mulher que trabalhasse fora de casa como professora, sendo comum e indicada essa formação para todas as moças.

⁴ Depoimento colhido numa entrevista com a professora Bernadette Pedrosa. Recife, 09/05/2009

⁵ Magistrada e Doutora em Direito e uma das pioneiras na docência da Faculdade de Direito do Recife.

⁶ Artista plástica e membro do Partido Comunista de Pernambuco.



Dessa maneira, ficam ratificados e bem delimitados a vocação e o lugar onde homens e mulheres deveriam figurar na sociedade recifense que ainda trazia fortes ranços machistas e patriarcalistas que incidiam ainda mais intensamente nas mulheres de classe média, às quais não era recomendado muito estudo, só o suficiente para serem excelentes esposas e educarem seus filhos de forma correta. Sendo assim, como imaginar, aceitar e admirar mulheres que ousaram produzir conhecimento? Como aceitar que mulheres poderiam se igualar aos homens e tornarem-se intelectuais?

Intelectualidade Feminina

Estudar as mulheres enquanto objeto histórico só foi possível graças à constituição de um indivíduo mulher que tivesse voz e visibilidade política. Um “ser” mulher para representar inúmeros “seres” mulheres. Essa percepção do caráter político que deveria ser assumido pelas mulheres em suas reivindicações teve seu ápice com o lançamento do livro “O Segundo Sexo”, de Simone de Beauvoir, onde a célebre frase “Não se nasce mulher, torna-se mulher”⁷ foi assumida e levantada pela teoria feminista para se estudar e reivindicar o lugar das mulheres na História enquanto seres sociais e como construção cultural fruto de seu tempo.

Nesse sentido de construção social, a “*intelligentsia*” feminista reafirma a teoria de Löwy, de que os(as) intelectuais são muito mais do que uma classe, compreendem uma verdadeira categoria social, capaz de moldar e manipular idéias e que são definidos(as) por seu papel ideológico⁸. Sendo assim, as feministas das décadas de 1960 e 1970 tornaram-se produtoras diretas da ideologia onde as mulheres deveriam erigir a sua identidade, buscar a criação de seu “sujeito” e, assim, ditar novas regras sócio-culturais de convivência com homens e com outras mulheres.

O texto de Beauvoir nos indica esse caminho quando buscou rupturas entre o natural e o cultural no que tange “ao estar no mundo” para as mulheres e vai além, ao indicar o que é ser mulher em meio a uma sociedade machista e, no caso do Brasil, patriarcalista. Assim, não se trata apenas de dar lugar às mulheres na narrativa histórica, mediante todas as conquistas do movimento feminista, desde o século XIX, e frente à tomada de espaços importantes pelas mulheres no âmbito social. É algo maior do que isso. Uma percepção das mudanças e transformações vividas, sofridas e promovidas por mulheres.

⁷ BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo**. São Paulo: Difusão Européia do livro, 1960, p 09.

⁸ LÖWY, Michel. **Para uma Sociologia dos Intelectuais Revolucionários**: a evolução política de Lucacs (1909 – 1929). São Paulo: Ed. LECH Livraria, 1979.



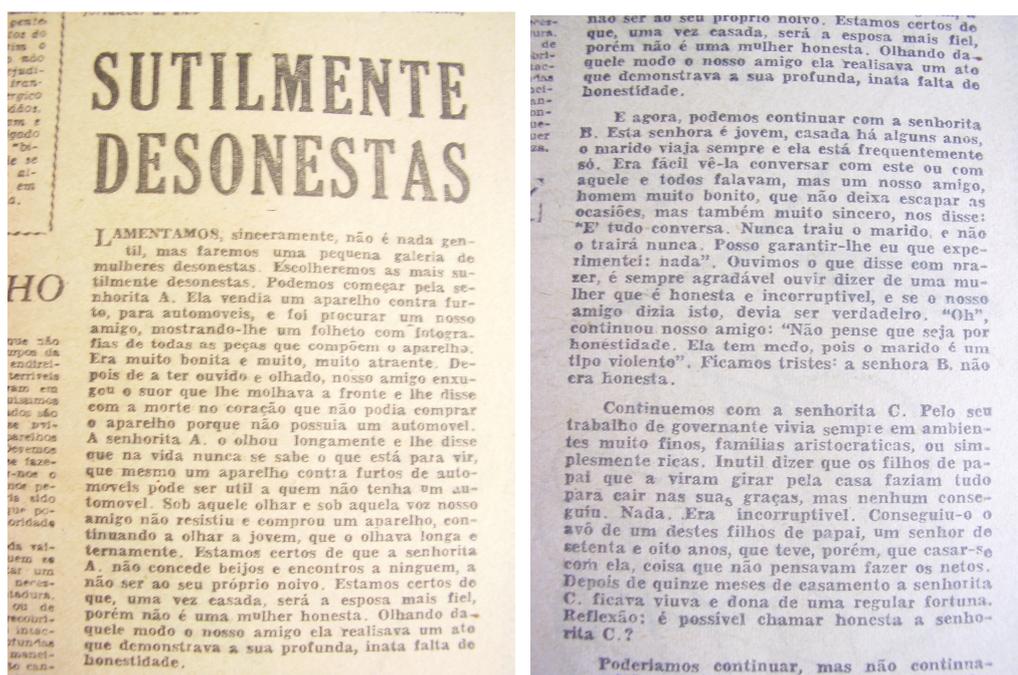
As conquistas dos estudos e lutas feministas nas universidades e em vários outros lugares de discussão social geraram impactos nos discursos e nas relações de poder de uma sociedade androcêntrica. No entendimento de gênero e seus sujeitos, à medida que era constituído e questionado nas relações de poder diante de um contexto de adversidade entre homem e mulher, partindo de perspectivas onde o primeiro sexo seria o dominante e o segundo seria o dominado na lógica binária de presença/ausência, teoria/prática, ciência/ideologia, público/privado, razão/sentimento, proporcionaram às feministas a posição de sujeitos do conhecimento, novas formas e métodos de produção científica tornaram-se possíveis.

Dessa maneira, as feministas também atentaram para o fato de que ser mulher e ser homem é uma construção cultural, não se nasce homem e mulher, mesmo o biológico tendo sua importância, percebe-se que, antes de tudo, o gênero é uma construção e as relações de poder transformam homens e mulheres em sujeitos, e esses sujeitos são construídos discursivamente. Contudo, apesar de “lutarem” contra o determinismo biologicista, várias de suas teorias reincidiam para a definição natural dos corpos.

Tais posturas indicam que a produção intelectual das feministas representava o real sentido do engajamento ideológico que bem define a intelectualidade da época, que se “vestia com o manto” da responsabilidade em provocar e questionar possíveis mudanças sociais, afastando a possibilidade de uma neutralidade, mesmo que dentro do próprio movimento existisse uma pluralidade de idéias e posicionamentos políticos. E a parcialidade das intelectuais ficava evidente com a flutuação entre as posições mais liberais e as mais radicais. Contudo, são inegáveis as conquistas e mudanças de mentalidade que o movimento promoveu na sociedade ocidental moderna, e como afirma Domenico Losurdo, “o êxito de uma luta político-social depende também da postura assumida por tal categoria”⁹. Dessa maneira, a postura política adquirida pelo movimento feminista na busca pela constituição do sujeito mulher, permitiu que conquistas fossem alcançadas e mudanças promovidas.

E a sociedade e o período aqui estudados nos apresentam conceitos que legitimam e identificam os papéis sociais: Homem honrado, mulher honrada passam a ser comportamentos e virtudes estabelecidos e até mesmo exigidos na época. Modos de agir, de ser, de se vestir e de se portar são estampados na mídia, e nos meios de cultura. E todo e qualquer comportamento que fuja a esse padrão (norma) é passível de questionamentos e de apontamentos:

⁹ LOSURDO, Domenico. Os Intelectuais e o Conflito: Responsabilidade e Consciência histórica. IN: **Intelectuais e Política: A moralidade do Compromisso**. BASTOS E Rêgo (org). Olho D água, São Paulo, 1999.



Suplemento Feminino do Diário de Pernambuco, 1956¹⁰

Nesse artigo, são elencados três tipos de mulheres com comportamentos “reprováveis”. Toma-se o cuidado com as identificações e utilizam-se letras para diferenciá-las. A primeira, chamada de “senhorita A”, é vendedora de um aparelho contra furtos de carros e oferece-o a um homem que finda em dizer-lhe, bastante embaraçado, que não possuía automóvel. Contudo, a nossa senhorita **A** utiliza-se de seu charme para garantir ao seu cliente que “na vida, nunca se sabe o que esta para vir e que mesmo um aparelho contra furtos de automóveis pode ser útil para quem não tem um automóvel”. Encantado pela “lábria” da moça, o “nosso amigo” (como é chamado no artigo) não resiste e compra o equipamento. Contudo, vale salientar que a matéria atenta para a desonestidade da moça, embora aponte que tal mal pode ter cura, pois alega que “estamos certos de que, uma vez casada, será a esposa mais fiel (...)”. O casamento e o homem seriam a sua “cura”.

Ainda na mesma matéria, temos a “senhorita **B**”, casada com um homem que precisava viajar muito e a deixava constantemente sozinha. Era vista conversando com uns e outros, mas um desses bons homens disse que era só conversa, que ela não se entregava a nenhum deles. A autora da matéria, em um tom de conversa, diz estar aliviada ao constatar a honestidade da moça. Contudo o “bom homem” continua: “Não pense que é por honestidade. Ela tem medo, pois o marido é um tipo violento”. A nossa narradora lamenta a desonestidade da senhorita **B**. Medo da agressividade

¹⁰ Fonte: APEJE - Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano



do seu marido. O lamento não é pela ameaça vivida pela jovem esposa e sim por ela possivelmente não ser “virtuosa” e ameaçar desprestigiar os laços do casamento.

Para encerrar, temos ainda o caso da “senhorita C”, uma governanta que vive a transitar por entre famílias abastadas da cidade e que tem belos atributos físicos e sempre tem um jovem atrás de cair em suas graças, mas ela não sucumbe a nenhum deles e só se “entrega” a um avô com quem se casa, coisa que – segundo a autora – os jovens não fariam. Com alguns anos o idoso marido morre, deixando a senhorita C com uma substancial herança. Então, nossa intrépida “jornalista” lança-nos a seguinte questão: “Reflexão: é possível chamar de honesta a senhorita C?”

Com esses três exemplos “negativos” o artigo procura demonstrar as sutilezas dos esperados parâmetros de comportamento femininos e conclui:

Desejávamos apenas fazer-lhes notar como a verdadeira desonestidade seja coisa mais sutil do que se pensa. Pode ser um gesto, um modo de olhar, uma certa maneira de agir e eis que uma mulher, da qual a gente não pode dizer absolutamente nada, revela-se o que é, fundamentalmente desonesta, mesmo se suas ações forem irrepreensíveis.”¹¹

Discutindo e problematizando essas questões, a partir do pressuposto da atual discussão feminista, é que procuramos abordar a análise da constituição e/ou da consciência dos papéis femininos e de uma existência (ou não) da consciência do papel da intelectual feminina na sociedade do Recife de meados do século XX, onde a práxis social sofria constantes influências externas que traziam instabilidade e fluidez aos papéis sexuais. Dentro dessa abordagem, onde sexo e gênero são intercambiáveis, inferimos que buscar a compreensão da possibilidade de existir um “ser” ou que se possa “tornar-se” mulher pode trazer novas perspectivas para uma melhor compreensão de homens e mulheres do “pré-revolução sexual” dentro de uma sociedade com valores tradicionais que estavam sendo constantemente desafiados pelos ares modernos.

Essa sociedade não via com bons olhos as mulheres que se aventuravam na vida pública, nem tão pouco aquelas que atuassem em “funções” tidas como masculinas ou “masculinizadoras”. Sendo assim, não poderíamos pensar em uma categoria “mulheres intelectuais”. Não se falava nesses termos, embora abordemos aqui mulheres artistas e intelectuais, mesmo essa “intelectualidade” não sendo reconhecida na época.

Nenhuma de nossas entrevistadas mencionou se reconhecerem, naquele momento, como intelectuais, embora tenham claros os seus papéis de pioneirismos, reivindicações e de produção do conhecimento. Portanto, cabe a nós o desafio de buscar compreender o seu papel de mulheres,

¹¹ Suplemento Feminino do Diário de Pernambuco, 19/01/1956



repletas de singularidades, rodeadas de regulamentações e tomadas de paixões, ideologias e amor pelo que faziam e eram.

E a percepção da formação de uma categoria, como a da intelectualidade feminina, vem a contribuir para uma melhor elucidação das relações sociais e de gênero vivenciadas na época, pois ultrapassa a abordagem dicotômica e limitada de homem x mulher. Uma vez que pudemos observar que essas relações muitas vezes se processavam entre as próprias mulheres e a construção da vocação e do papel da mulher, pudemos também questionar essa relação de opressão e tornar as histórias dessas mulheres muito mais ricas e repletas de possibilidades de interpretações e leituras. Suas sensibilidades, seus amores, dores e vitórias nos indicam que o transpor barreiras, e ultrapassar imposições, está nos pequenos atos cotidianos e privados e não só nas grandes reivindicações ou manifestos.

É nesse sentido que buscamos abordar aqui algumas mulheres em particular que participaram ativamente de movimentos e instituições que buscaram, de alguma forma, caminhos alternativos às configurações sociais tradicionais. Caminhos que, conseqüentemente, provocaram uma releitura de seus próprios papéis na sociedade do Recife, em um período onde o mundo preparava-se para possíveis revoluções morais – e a primeira revolução foi sexual, que marcavam a liberação das mulheres para fazerem o que quisessem com os seus corpos. Contudo, o Recife, que sempre foi uma cidade dividida entre o tradicional e o moderno, e passou a ser dividida entre o moderno e o moderno - deixando a tradição para os "velhos" e “conservadores” - permanecia coexistindo com o conflito entre o novo e o antigo, mediante as transformações culturais e sociais que chegavam às praças e aos lares pernambucanos.

Tais transformações não ocorreram de forma tão brusca quanto em outras partes do mundo, mas foram duramente refreadas com o golpe de 1964. As protagonistas desse texto ousaram, sim, partir para a vida pública, mas muitas vezes sem abandonar os seus laços com o privado. Engajaram-se em campos que não eram bem-vistos para elas. Ultrapassando as “fronteiras” dos seus espaços privados e vivendo seus desejos, contudo não romperam com esses laços, uma vez que passaram a dividir a sua atenção e dedicação entre o lar e a profissão que escolheram.

A possível “consciência” de que estavam promovendo releituras dos seus papéis sociais não foi verbalizada por elas, mas seus atos e trajetórias nos indicam que promoveram transformações em suas vidas cotidianas e fica claro que, mesmo em meio a uma sociedade que ainda enxergava-as como mantenedoras do lar, essas mulheres, aqui citadas, subiram aos palcos pernambucanos, foram pioneiras em seus ofícios e seguiram o que acreditavam e amavam, assumindo, de certo, posturas



inovadoras. Elas são fortes exemplos da ousadia, da inquietude, das insatisfações femininas que refletiam translucidamente o sentimento que permeava os ares do Recife no prelúdio do golpe militar, quando a idéia de revolução parecia cada vez mais tática, e o (re)ver, o (re)pensar e o (re)agir dessas mulheres alimentava ainda mais o sentido de uma mudança possível.

Bibliografia

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo**. São Paulo: Difusão Européia do livro, 1960

CAUFIELD, Sueann. **Em Defesa da Honra**. Moralidade, modernidade e nação no Rio de Janeiro (1918 – 1940). Campinas, SP: Editora da Unicamp, Centro de Pesquisa em História Social da Cultura, 2000.

GRAMSCI, Antônio. **Maquiavel, a Política e o Estado Moderno**. 4ª Edição. Rio de Janeiro: Ed. Civilização brasileira, 1980.

HABERMAS, Jürgen. **A inclusão do Outro: estudos de teoria política**. 2ª Ed. São Paulo, Edições Loyola, 2002.

HARAWAY, Donna. Saberes Localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu**, Campinas, Unicamp, n. 5. P. 07 – 41, 1995.

LAVALLE, Adrian Gurza. **Vida Pública e Identidade Nacional**. São Paulo: Ed. Globo, 2004.

LINS, Osman. **O visitante**. Rio de Janeiro, José Olympio Editora, 1955.

LOSURDO, Domenico. Os Intelectuais e o Conflito: Responsabilidade e Consciência histórica. IN: **Intelectuais e Política: A moralidade do Compromisso**. BASTOS E Rêgo (org). Olho D água, São Paulo, 1999.

LÖWY, Michel. **Para uma Sociologia dos Intelectuais Revolucionários: a evolução política de Lucacs (1909 – 1929)**. São Paulo: Ed. LECH Livraria, 1979.

PERREIRA, Verbena Laranjeira. Gênero: Dilemas de um Conceito. IN **Gênero e Cultura: questões contemporâneas**. Porto Alegre: EDPUCRS, 2004.

SAID, Edward W. **Representações do Intelectual: As conferências Reith de 1993**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SCOTT, Joan. História das Mulheres. IN Peter Burke (org.), **A Escrita da História: novas perspectivas**. São Paulo, Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992



SOIHET, Rachel. Enfoques feministas e a história: desafios e perspectivas. IN: MATOS, Maria Izilda. **Gênero em Debate**: trajetórias e perspectivas da historiografia contemporânea. São Paulo, PUC, 1997.

SWAIN, Tânia. Meu Corpo é um Útero? Reflexões sobre a procriação e a maternidade. STEVENS, Cristina. org. **Maternidade e Feminismo**. Diálogos interdisciplinares. Florianópolis: Ed. Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2007